

Uma Pequena Epístola de Algazel

*Mamede Mustafa Jarouche**

Resumo: Este texto consiste, basicamente, na apresentação e tradução de uma epístola medieval do filósofo e teólogo muçulmano al-Ghazáli (séculos XI-XII) sobre a educação de crianças.

Palavras-chave: Filosofia islâmica; pedagogia muçulmana; educação muçulmana.

O filósofo, teólogo e místico muçulmano Abu Hámid Muhammad al-Ghazáli (ou al-Ghazzáli), conhecido no Ocidente Latino como Algazel, nasceu na aldeia de Tús, em Khurasán, no ano de 450 da Hégira, correspondente a 1059 d.C., e ali morreu, após uma existência repleta de reviravoltas e mudanças, no ano de 505 H., 1111 d.C.

Segundo as biografias, tendo perdido o pai ainda muito jovem, foi entregue aos cuidados de um sufi (místico) da região, o qual, por sua vez, encaminhou o garoto para uma escola que, além do ensino, lhe proveria o sustento. Essa seria apenas a primeira de uma série de andanças: Jurján, Nisapúr (onde começou a dar aulas), Mu'áskar, e, por fim, Bagdá, em cuja afamada escola, a Nizámiyya, lecionou durante alguns anos. Conta-se que suas aulas eram assistidas por mais de trezentos grandes eruditos do lugar. Em seguida, novas mudanças: por nove anos, circulou entre Egito, Síria e Península Arábica, depois Nisapúr de novo, para, no final da vida, retornar à aldeia natal e ali chegar à cláusula de seus dias.

Informa o professor e pesquisador egípcio Sulaymán Dunya que al-Ghazáli não poderia ter passado, como de fato não passou, incólume aos intensos debates intelectuais e religiosos que se travavam então por todo o orbe muçulmano, com

* O autor e tradutor é Prof. Dr. do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

especial destaque, evidentemente, para o peso e a importância da filosofia e de sua relação com a revelação religiosa. De suas obras, a mais célebre é *Taháfut al-Falásifa* (Destruição, ou Refutação, ou Contradição dos Filósofos), que provocou, mais de um século depois, a também célebre resposta de Ibn Rushd (ou Averróis), *Taháfut al-Taháfut*.

A pequena epístola abaixo pode ser vista como uma conjugação de princípios muçulmanos e de saber prático para a educação dos sentidos. O texto utilizado para a tradução foi extraído do livro *Madaniyyat al-'Arab* (*A Civilização dos Árabes*), de Muhammad Rushdi, Cairo, 1911, pp. 138-142.

EPÍSTOLA SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS, DE AL-GHAZÁLI

Fica sabendo que o método para o adestramento dos meninos é um dos assuntos mais importantes e graves. O menino é uma confiança depositada nas mãos dos pais, e seu coração puro é uma pedra preciosa e sensível, livre de toda impressão ou imagens, sendo portanto receptível a tudo quanto for gravado e tendente a tudo o que lhe for apresentado. Caso seja habituado ao bem e aprenda a discerni-lo, crescerá, com base nele, feliz nesta vida e na outra, e seus pais, além de cada professor e instrutor, associar-se-ão à recompensa [que ele receberá na outra vida]. Caso seja habituado ao mal, ou abandonado como uma besta e consumido, também a responsabilidade por isso será debitada aos que cuidam dele e velam por ele. [...]

Por mais que o pai o proteja do fogo deste mundo, será melhor que o proteja do fogo do outro mundo. Essa proteção consiste em fortalecê-lo, aprimorá-lo e ensinar-lhe o bom caráter, preservá-lo das más companhias, não o habituar à indolência, não o fazer gostar de gala e opulência, nas quais ele desperdiçará boa parte de sua vida quando crescer, consumindo-se eternamente. O pai deve, isto sim, vigiar o menino desde o início, utilizando-se para sua criação de uma mulher boa e religiosa, que só se alimente do que é lícito, pois o leite que se produz a partir de produtos ilícitos não possui bênção alguma. Caso o crescimento do menino se dê com tal leite, sua constituição ficará amolecida, e sua natureza tenderá ao que corresponde à perfídia. E, por mais que o pai observe nele indícios de discernimento, deve aprimorar o controle sobre ele, e isso se começa desde o início da vida: quando ele tiver pudicícia e vergonha, e abandonar certas atitudes, tal não se dará senão pelo surgimento da luz da inteligência no menino, luz essa que o fará perceber que

certas coisas são feias e outras, transgressoras, e ele passará então a ter pudor de algumas coisas e de outras, não. Esta é uma oferenda de Deus Exalçado para ele, e uma boa-nova que indica o ajustamento do caráter e a pureza do coração, e anuncia a perfeição da inteligência quando se efetua a maioridade, pois o menino pudico não deve ser abandonado, mas sim apoiado em sua educação por meio de seu pudor e discernimento. A primeira característica que deve ser extirpada é a gula: ele deve ser ensinado a alimentar-se. Por exemplo: não tomar o alimento senão com mão direita; dizer “em nome de Deus” quando for tomá-lo; comer somente o que está diante dele; não se apressar a comer antes dos outros; não fixar os olhos na comida nem encarar quem come; não comer depressa; mastigar bem; não encher a boca; não sujar as mãos e as roupas; ser acostumado a comer pão seco às vezes, para que nunca se torne vil; deve-se censurar diante dele a gula, comparando todos os gulosos aos quadrúpedes, vituperando os meninos que comem muito e elogiando os educados que comem com frugalidade; deve-se fazê-lo ser generoso com a alimentação e pouco apegado a ela, contentando-se com alimentos simples, quaisquer que sejam; deve preferir, quanto às vestimentas, as brancas às coloridas e de seda, ensinando-se-lhe que estas últimas são coisas de mulheres e de homens efeminados, e que irão depreciá-lo; isto deve ser repetido, e toda vez que ele vir um menino de roupa de seda colorida, deve condená-lo e censurá-lo.

O menino deve ser afastado dos meninos habituados à indolência, opulência e roupas suntuosas, e do convívio com quem o faça ouvir algo que o leve a apreciar esse tipo de coisa. Quanto mais o menino for abandonado no início de seu crescimento, mais será, na maioria das vezes, de mau caráter, mentiroso, invejoso, ladrão, intrigante, inoportuno, dado a impertinências, risos fora de hora, molecagens e indecências.

O menino somente será protegido disso tudo mediante o bom adestramento; depois, deverá ocupar-se com a escrita e o aprendizado do *Alcorão*, das crônicas e histórias dos virtuosos, e também da condição deles. Que se inscreva em sua alma o amor pelos bons; que ele seja preservado das poesias que mencionam a paixão e quejandos, e também da convivência com os letrados que alegam ser isso belo e de natureza sutil, pois a poesia que versa sobre a paixão imprime no coração dos meninos as sementes da corrupção; depois, tudo quanto o menino apresente de beleza de caráter e atitudes elogiáveis deve ser motivo para sua dignificação e recompensas que o alegrem, louvando-se-o em público. Se ele divergir disto em alguma situação por uma única vez, deve-se deixar passar, sem condenações nem escândalos; não se deve demonstrar-lhe imaginar que ninguém se atreveria a fazer

algo semelhante, especialmente se o menino escondê-lo e esforçar-se por ocultá-lo, pois revelar isso talvez aumente seu atrevimento ao ponto de ele não se importar em ser denunciado; caso ele reincida, deve-se censurá-lo secretamente e ampliar a dimensão do problema dizendo-se-lhe: “guarda-te de fazer isso novamente, e, se tu o fizeres, serás denunciado em público”. Mas não delongue o discurso de censuras a todo momento, pois ouvir isso constantemente diminui o peso da censura e das vilanias; a importância do discurso decai em seu coração. Que o pai seja o preservador da importância das palavras para ele, não o censurando senão às vezes, e que a mãe o ameace com o pai e que o afaste das vilanias. O menino deve ser proibido de dormir durante o dia, pois isso o tornará preguiçoso, e não ser impedido à noite, mas deve ser proibido de colchão macio, a fim de que seus membros se fortaleçam e seu corpo não engorde; não deve ser totalmente impedido do conforto, mas sim habituado à aspereza no dormir, vestir-se e alimentar-se; deve ser proibido de fazer as coisas às escondidas, pois ele somente ocultará aquilo que acreditar ser torpe; caso ele se acostume a isso, abandonará as atitudes torpes. Deve ser habituado a caminhar, movimentar-se e adestrar-se em certos dias, a fim de que a preguiça não o domine; deve ser habituado a não mostrar as pudendas, não andar depressa nem abandonar as mãos ao léu, mas sim levá-las ao peito. Deve ser proibido de gabar-se, entre seus companheiros, de algo que seu pai possui, ou de algo relativo a sua alimentação, roupa, aparência ou material de escrita; ele deve, ao contrário, ser habituado à modéstia, à dignificação de todos os que com ele convivem e educação na conversação com eles. Deve ser impedido de tomar algo que lhe tenha parecido bom; ao contrário, deve-se ensinar-lhe que o orgulho está no dar e não no tomar, e que o receber é miséria, mesquinhez e baixaza. Caso ele seja um menino pobre, deve-se ensinar-lhe que a cobiça e o tomar constituem vileza e humilhação, e que isso é característico dos cães, os quais balançam o rabo à espera de um bocado, e nisso há cobiça. De maneira geral, o amor por ouro e prata deve ser tornado repulsivo para os meninos, e a cobiça por ambos é, tanto para os meninos como para os adultos, mais nociva do que o veneno.

O menino deve ser habituado a não cuspir nos locais em que está instalado, nem escarrar ou bocejar na presença de outros; a não andar em torno de outra pessoa; a não colocar uma perna sobre a outra; a não colocar a palma da mão sob o queixo; a não apoiar a cabeça sobre o braço, pois isso indica preguiça; deve-se ensinar-lhe como sentar-se, proibir-lhe o excesso no falar, demonstrando-lhe que isso indica falta de vergonha, e que é uma atitude dos filhos dos miseráveis; deve ser definitivamente proibido de jurar, esteja falando a verdade ou mentindo, a fim

de não se acostumar a isso desde a mais tenra idade; deve ser proibido de começar as conversas e ser habituado a não se pronunciar senão em resposta conforme a pergunta; a ser bom ouvinte, por mais que o outro fale, das pessoas que são maiores de idade; levantar-se para quem está acima dele, dar-lhe mais espaço e sentar-se de frente para ele; deve ser proibido de palavras fúteis e de baixo calão, de amaldiçoar e xingar e de misturar-se com aqueles cuja língua pratica tais coisas, pois isso contamina e não há escapatória para quem frequenta más companhias, sendo que a base da educação dos meninos está em evitar essas más companhias.

Quando seu mestre castigá-lo, o menino não deve exagerar nos gritos ou nos protestos, nem se socorrer de quer que seja, mas sim resignar-se e lembrar-se de que isso é característica dos corajosos e dos homens, e que o gritar demais é característica de escravos e mulheres.

Deve-se permitir-lhe, depois de terminar a escrita, folgar com uma bela brincadeira que lhe proporcione repouso do esforço da escrita, desde que não se canse com tal brincadeira. Impedir o menino de folgar e submergi-lo sempre em estudos mata seu coração, danifica sua inteligência e lhe torna a vida detestável, e pode levá-lo a procurar uma artimanha qualquer para livrar-se disso definitivamente.

Deve ser ensinado a obedecer aos pais, ao mestre, ao educador e a todos que são mais velhos do que ele, conhecidos ou estranhos; deve olhar para eles de maneira respeitosa e enaltecida, e interromper as brincadeiras diante deles. Por mais que atinja o discernimento, não se deve permitir-lhe abandonar a pureza e as preces, e deve-se ordenar-lhe que jejue em alguns dias do mês de *ramadán* e que evite as roupas de seda, ornamentadas com ouro ou o que quer que seja; deve-se ensinar-lhe tudo do que necessita, dentro dos limites da lei divina, e atemorizá-lo quanto ao roubo e aos alimentos proibidos, à traição, à mentira, à vileza, tudo enfim que muita vez é comum entre os meninos. Caso o seu crescimento se dê nessas bases durante a infância, quanto mais ele se aproximar da idade adulta, mais estará próximo da essência dessas questões. Deve-se lembrar-lhe que os alimentos são remédios, e que seu propósito é tão-somente fortalecer o homem na obediência a Deus Todo-Poderoso, e que o mundo todo não tem um sentido final, pois não é permanente, e que a morte rompe suas benesses, e que o mundo é casa de passagem e não de permanência, e que a outra vida é lugar de permanência e não de passagem; que a morte espera a todo momento, e que sagaz e inteligente é quem, neste mundo, acumula [boas obras] para o outro, a fim de que sua posição diante de Deus Exaltado se engrandeça, e seu espaço no paraíso se torne mais amplo.

Se o crescimento do menino for sadio, estas palavras, quando de sua puberdade, terão sido corretas, influentes e proveitosas, gravando-se em seu coração assim como um desenho se grava na pedra; caso seu crescimento se dê de maneira contrária a esta, o menino acostumar-se-á a folguedos, falta de pudor, desregramento, gula, exibicionismo, uso de requififes e soberba, e em seu coração não medrará a verdade, da mesma maneira que um jardim não medra na estéril terra ressequida. As questões primordiais são aquelas que devem ser mais bem cuidadas. O menino, em sua essência, é uma criatura dada tanto ao bem como ao mal de todas as espécies, e somente seus pais é que o fazem tender a um desses dois lados. Disse o profeta Muhammad: “todo [ser humano] nasce com sentimento religioso [muçulmano], sendo os pais que fazem dele judeu, cristão ou ímpio”.

A educação é boa para todos, homens e mulheres, sendo que nestas últimas isso se dá por causa do que elas têm de natureza sutil e encantos exemplares, pois as mulheres são belas nos sentimentos e nos sentidos, e porque a educação é uma perfeição que foi imposta pela lei do Justo Todo-Poderoso como direito delas.

A mulher é igual ao homem nos anseios porque a origem de ambos é uma só, como veio no *Alcorão*: “ó humanos, acreditai em vosso Senhor que vos criou de um só espírito, dele criando seu par, e depois propagando, a partir dele, muitos homens e mulheres”.

A mulher deve ser deixada em seu pudor, porque o pudor é uma qualidade elogiável e um ornamento nas mulheres. Que a educação não envenene tal pudor, apagando-o ou diminuindo-o; deve haver precaução quando se o trata sem exagero nem parcimônia.

Abstract: Basically, this text consists in the presentation and translation of a middle-aged letter written by the muslim philosopher and theologian al-Ghazáli (XI-XII centuries), concerning the children's education.

Keywords: Islamic philosophy; Muslim pedagogy; Muslim education.